



## KITSUNE: A MITOLOGIA DAS RAPOSAS JAPONESAS NOS ESCRITOS DE LAFCADIO HEARN

Edelson Geraldo Gonçalves  
Mestre em História –UFES

**RESUMO:** Esse trabalho busca analisar o estudo de Lafcadio Hearn sobre a mitologia das raposas (*kitsune*) e os seus impactos na sociedade japonesa da Era Meiji, principalmente na prefeitura de Shimane, dando especial atenção aos aspectos de culto e formas de discriminação social geradas por essa mitologia, para ao final tecermos considerações sobre as conclusões do autor acerca desse assunto.

**Palavras-chave:** Lafcadio Hearn; Kitsune; Raposas.

**ABSTRACT:** This work aims to analyzes the Lafcadio Hearn study about the mythology of foxes (*kitsune*) and its impact on Japanese society of the Meiji Era, especially in the prefecture of Shimane, paying particular attention to aspects of worship and forms of social discrimination generated by this mythology, to the end we may weave considerations about the author's conclusions on this subject.

**Keywords:** Lafcadio Hearn; Kitsune; Foxes.

### Introdução

O tema do presente texto é o estudo de Lafcadio Hearn sobre a mitologia das raposas japonesas (*kitsune*) e seus impactos na sociedade da Era Meiji, sobretudo na prefeitura de Shimane, a antiga província de Izumo (designação antiga que Hearn prefere utilizar quando se refere a essa região em seus textos). Dentro dessa

temática daremos atenção principalmente aos aspectos de culto e formas de discriminação social geradas pelos mitos envolvendo raposas, e ao final desse estudo faremos considerações sobre as conclusões de Hearn ao final de seu estudo.

Lafcadio Hearn (1850-1904) foi um escritor Greco-irlandês que viveu no Japão entre 1890 e 1904, após ter também vivido nos EUA entre 1869 e 1890, tendo também passado o período de 1887 a 1889 nas Índias Ocidentais Francesas. Todos esses locais inspiraram Hearn a uma extensa produção literária, como ficcionista, repórter e ensaísta.

Em 1890 Hearn partiu para o Japão, que passava então por um rápido processo de modernização, e lá direcionou os seus estudos e escritos para o objetivo de compreender o “coração” do povo japonês (HEARN, 1910, p. ii). Para isso Hearn concentrou-se não apenas em estudar as obras dos maiores especialistas sobre o assunto naquele momento, como também em entrar em contato direto com o povo japonês, privilegiando não os intelectuais e ocidentalizados; mas o povo comum (HEARN, 1894, p. vii); na cidade e no campo.

Quando Hearn chegou ao Japão, o país havia ganhado no ano anterior a sua primeira constituição, e os efeitos gerais do impacto trazido pela modernização levada à frente pelo governo Meiji ainda podiam ser notados no cenário geral, que como um todo ainda parecia ser uma mistura do antigo com o moderno.

Em seus estudos iniciais sobre a cultura do país – baseados primeiramente na cidade de Matsue, na prefeitura de Shimane e depois na cidade de Kumamoto, capital da prefeitura de mesmo nome – Hearn deu forte ênfase à religiosidade popular, e em suas observações chegou à conclusão que o *Shinto* (ou Xintoísmo), a religião nativa do país, tinha uma fortíssima presença na vida das pessoas comuns, e mesmo nos templos do Budismo (religião que costumava receber especial atenção daqueles que até então se debruçavam sobre a cultura japonesa) (ROSENSTONE, 1988, p. 157-158) havia forte presença da religião *Shinto*, como Hearn (1906, p. 13) relata sobre suas observações em Matsue na seguinte passagem:

Eu estou mais e mais impressionado com a ascendência do Shinto aqui. Todos são Xintoístas; e cada casa parece ter tanto um *kamidama* [altar shinto] quanto seu *butsudan* [altar budista]. Uma rua é quase inteiramente composta de templos budistas – a Teramachi; mas todos os fiéis também observam os trabalhos do Shinto em certos dias. Os amuletos suspensos

sobre as portas, etc., são Shinto. Os deuses (1) Ebisu e (2) Daikoku, aqui identificados respectivamente com (1) Koto-shiro-nushi-no-Kami e (2) Oho-kuni-nushi-no-Kami, são monopolizados pelo Shinto. Esses signos e mistérios estão em toda parte: a atmosfera é cheia de magia.

A partir de constatações desse tipo Hearn dedicou especial atenção ao estudo do *Shinto*, direcionando suas leituras para esse assunto e a atenção em suas viagens, nas quais visitou diversos santuários e conversou com várias pessoas sobre o assunto.

Os estudos de Hearn sobre esse tema e outros deram origem depois de cinco anos ao livro *Glimpses of Unfamiliar Japan*, publicado em dois volumes e contendo um total de vinte e sete textos, de vários estilos como a narrativa de mitos populares, relatos de viagem (abordando entre outros, santuários, peregrinações e outros lugares sagrados) e análises culturais.

### **Kitsune**

Entre os textos desse livro há um ensaio intitulado *Kitsune* (décimo quinto e último texto do primeiro volume) que aborda um aspecto particular e amplamente popular da religião *Shinto*, o culto e os mitos em torno das raposas japonesas. Aspecto que Hearn (1894, p. viii) considerava particularmente “sinistro”.

Os mitos sobre as raposas como entidades mágicas desenvolveram-se no Japão através de mitos de matriz chinesa, sendo os mais antigos – no Japão – encontrados em um texto do final do século VIII, e inspirando ao longo dos séculos tanto a literatura e o teatro (em suas vertentes aristocráticas e populares) quanto o folclore do arquipélago (GOFF, 1997; PICKEN, 2011, p. 160). Mas apesar desses mitos alcançarem todo o Japão esses eram especialmente notáveis e influentes na região da atual prefeitura de Shimane, a antiga província de Izumo (BATHGATE, 2004, p. 122), um notável sítio da religião *Shinto*.

Textos sobre esse assunto não eram inéditos nos escritos dos japonologistas de língua inglesa, tendo alguns mitos aparecido no livro *Tales of Old Japan* de Algernon Freeman Mitford (1837-1916), publicado em 1871 e também no livro *Things Japanese* de Basil Hall Chamberlain (1850-1935) publicado em 1890; textos de destaque no período, mas que, no entanto, não deram ao assunto um tratamento tão profundo quanto o fez Hearn em seu ensaio.

Em sua abordagem do assunto Hearn comenta inicialmente o que primeiramente lhe chamou a atenção e o direcionou para essa pesquisa particular; a ampla presença de estátuas de raposas por todos os lugares que ia; como o autor atesta nesse relato:

Depois de viajar muito pelo Japão, você irá encontrar onde quer que tente se lembrar, em qualquer província que visitar; lá estará; em qualquer canto ou esquina; a recordação de um par de raposas de pedra de cor verde-e-cinza, com os focinhos quebrados [geralmente por crianças]. Em minhas próprias memórias de viagens pelo Japão esses perfis se tornaram *de rigueur* um detalhe pitoresco.

Nas vizinhanças da capital e na própria Tóquio, – às vezes em cemitérios, – belas figuras de raposas idealizadas podem ser vistas, elegantes como galgos ingleses (HEARN, 1894, p. 310-311, 312).

Após isso Hearn faz a constatação da relação básica das raposas com o *Shinto*, a ligação com o deus-raposa Inari, divindade ligada principalmente ao arroz, mas cuja iconografia e mitologia associada às raposas não seria um produto dos primeiros tempos do Shinto, como Hearn atesta pela ausência de ícones ligados a essa simbologia no Santuário de Kizuki (que fica nas proximidades de Matsue), alegadamente o mais antigo do Japão e cujo interior Hearn foi o primeiro estrangeiro com permissão para visitar (HEARN, 1894, p. 183, 313). No entanto Hearn (1894, p. 313) faz a seguinte constatação de como Inari era abordado no domínio popular:

Inari não é adorado apenas como um deus do arroz; de fato, existem muitos Inari, assim como na Grécia antiga havia várias divindades chamadas Hermes, Zeus, Atena, Poseidon, – umas no conhecimento dos instruídos, mas essencialmente diferentes na imaginação do povo comum. Inari foi multiplicado em razão de seus diferentes atributos. Por exemplo, Matsue tem um Kamiya-San-no-Inari-San que é o deus da tosse e dos fortes resfriados, – aflições extremamente comuns e notavelmente severas na região de Izumo. Ele tem um templo [...] onde é adorado sob a vulgar alcunha de Kaze-no-Kami [divindade do vento] e pelo cortês [nome] de Kamiya-San-no-Inari [Inari-do-Vale-Divino]. E aqueles que são curados da tosse e dos resfriados após terem rezado para ele, trazem a seu templo oferendas de tofu.

Acrescentando ainda:

Inari é frequentemente adorado como um curandeiro; e mais frequentemente ainda como uma divindade com o poder de dar riqueza. (Possivelmente porque toda a riqueza do Velho Japão era recolhida em koku de arroz). [...] E por ser a divindade que concede riqueza, Inari também se tornou em algumas localidades a divindade especial da classe das joro [prostitutas]. Há por exemplo, um templo de Inari que vale a pena visitar nas vizinhanças de Yoshiwara em Yokohama<sup>317</sup> (*sic*) (HEARN, 1894,

<sup>317</sup> Aqui Hearn comete um pequeno equívoco; pois o distrito do prazer de Yoshiwara ficava em Tóquio.

p. 314).

Após isso Hearn (1894, p. 316) faz a seguinte observação:

Imagens de raposa em Izumo parecem ser mais numerosas que em outras províncias, e lá elas são símbolos, de que a massa camponesa, até agora, está preocupada com algo a mais além da adoração da Divindade do Arroz. De fato, a velha percepção de que a Divindade dos Campos de Arroz foi ofuscada e quase apagada entre as classes baixas por um estranho culto, totalmente alheio ao espírito do puro Shinto, – o Culto da raposa. A adoração ao vassalo quase substituiu a adoração ao deus. Originalmente a raposa era sagrada para Inari, apenas como a tartaruga é ainda sagrada para Kompira; o veado para a Grande Divindade de Kasuga; o rato para Daikoku; o Peixe Tai [esparídeo vermelho] para Ebisu; a serpente branca para Benten ou a centopeia para Bishamon, Deus das Batalhas. Mas ao longo dos séculos a Raposa usurpou a divindade, e as imagens de pedra para ela não são as únicas evidências visíveis de seu culto.

Mais a frente em se texto Hearn (1894, p. 317-319) discorre sobre as crenças populares acerca dos poderes mágicos das raposas, nos deixando o seguinte comentário:

As crenças variam [...] em diferentes distritos. Fui capaz apenas; após uma residência de quatorze meses em Izumo, onde a superstição é especialmente forte, e marcada por certas características únicas; de fazer o seguinte vago resumo delas:

Todas as raposas têm poderes sobrenaturais. Existem raposas boas e más. A raposa-Inari é boa e as más raposas tem medo da raposa-Inari. A pior raposa é a Ninko ou Hito-kitsune (Raposa-homem): essa é especialmente a raposa da possessão demoníaca. Não é maior que uma doninha, e é similar no formato, exceto pela cauda, que é como a cauda de qualquer outra raposa. Raramente é vista, mantendo-se invisível exceto para aqueles que são ligados a ela. Ela gosta de viver nas casas dos homens, e de ser sustentada por eles, e para os lares onde ela é bem tratada, traz prosperidade. Ela cuidará para que os campos de arroz nunca fiquem sem água, e nem as panelas sem arroz. Mas se ofendida, ela irá trazer o infortúnio a casa, e ruína às colheitas. A raposa selvagem (Nogitsune) também é má. Ela às vezes possui pessoas, mas é especialmente uma feiticeira e prefere iludir por meio de encantamentos. Ela tem o poder de assumir qualquer forma e de ficar invisível; mas o cão sempre pode vê-la, por isso ela é extremamente temerosa dos cachorros. No entanto, quando assume outra forma, se sua sombra passar pela água, a água irá refletir apenas a sombra de uma raposa. Os camponeses as matam<sup>318</sup>; mas quem mata uma raposa incorre no risco de ser assombrado por seu espírito, ou mesmo pelo *ki*, o fantasma da raposa. Ainda, se alguém comer a carne de uma raposa [selvagem] ela não poderá encantá-lo depois. A Nogitsune também entra para casas. A maioria das famílias que tem raposas em suas casas tem apenas as de tipo pequeno, ou Ninko; mas ocasionalmente ambos os tipos vivem juntas sob o mesmo teto. Algumas pessoas dizem que se a Nogitsune vive cem anos ela se tornará toda branca, e então se tornará uma raposa-Inari.

<sup>318</sup> O próprio Hearn (1910, p. 295), enquanto trabalhava como professor na cidade de Kumamoto testemunhou quando seus alunos encontraram e mataram uma raposa durante um festival escolar em 1894. Contudo recolheram aos seus cuidados os cinco filhotes ainda cegos da raposa.

Há curiosas contradições envolvendo essas crenças [...]. Definir a superstição das raposas como um todo é difícil, não apenas por conta da confusão de ideias sobre o assunto entre os próprios adeptos [da crença], mas também em conta da variedade de elementos dos quais essa foi formada. Sua origem é chinesa; mas no Japão essa se tornou estranhamente misturada com o culto de uma divindade Shinto, e novamente modificada e expandida pelos conceitos budistas de taumaturgia e magia. Até agora, da maneira que o povo comum se inquieta, talvez seja seguro dizer que eles prestam devoção às raposas principalmente porque eles as temem. O camponês irá reverenciar aquilo que teme.

No extrato Hearn se refere à possessão demoníaca por raposas e algumas vezes a raposas vivendo em casas de pessoas, ou a Raposa-homem quando invisível poder ser vista por aqueles ligados a ela. Isso faz referência a outros aspectos da mitologia das raposas abordados no texto; a possessão e o pacto com raposas; características do mito particularmente fortes em Shimane, e relevantes não apenas no campo religioso e folclórico, mas especialmente no social.

Primeiramente sobre a “possessão demoníaca” por raposas Hearn (1894, p. 324-325) escreve:

Estranha é a loucura daqueles nos quais as raposas-demônio entram. Às vezes eles correm nus gritando pelas ruas. Às vezes caem espumando pela boca e ganem como as raposas ganem. E em algumas partes do corpo do possesso um inchaço móvel aparece sob a pele, parecendo ter vida própria. Espete-o com uma agulha e ele irá instantaneamente deslizar para outra parte. A força de nenhuma mão pode comprimi-lo sem que ele deslize sob os dedos. Também dizem que os possessos são capazes de falar e escrever em línguas nas quais eles eram totalmente ignorantes antes da possessão. Eles comem apenas aquilo que se acredita que as raposas gostam, – tofu, aburagé, azukimeshi, etc., – e eles comem muito, alegando que não eles, mas as raposas possessoras estão famintas.

A seguir o autor fala sobre as formas utilizadas para se livrar de raposas possessoras: primeiro métodos populares, pois segundo o autor; “Não é raro ocorrer de as vítimas de possessão por raposa serem cruelmente tratadas por seus parentes, – sendo seriamente queimados e espancados na esperança de que com isso a raposa seja afugentada. ” (HEARN, 1894, p. 325), relatando a seguir o método formal de exorcismo, feito por um sacerdote budista, no qual:

O exorcista discute com a raposa, que fala através da boca do possesso. Quando a raposa é reduzida ao silêncio pelo sermão do religioso, sobre a malignidade de se possuir pessoas, ela usualmente concorda em ir embora sob a condição de que lhe seja feita uma oferenda de uma grande quantidade de tofu ou outra comida; e que a oferta prometida seja levada imediatamente ao templo de Inari do qual a raposa declara ser uma serva. [...]

Tão logo o possesso é libertado do possessor, ele tomba sem sentidos, e permanece prostrado por um longo tempo. E é dito também, que aquele que uma vez foi possuído por uma raposa, nunca mais será capaz de comer tofu, aburagé, azukimeshi, ou qualquer outra coisa de que as raposas gostem (HEARN, 1894, p. 325).

Tais fenômenos de possessão, no entanto não eram necessariamente problemas privados, podendo também causar desordens na comunidade, em ocasiões, por exemplo, em que um possesso revela em público o conteúdo de conversas privadas (segredos, fofocas, etc.) que teriam sido ouvidas pela raposa que o controla, causando assim discórdia entre os vizinhos (HEARN, 1894, p. 327).

Contudo os maiores impactos sociais vinham de outro hábito que as raposas teriam; o de firmar pactos com determinadas famílias.

Como já foi informado antes se acreditava ser vantajoso ligar-se a uma raposa, sustentando-a para que em gratidão ela trouxesse prosperidade ao lar; mesmo sob o risco do infortúnio que também viria se a raposa não estivesse satisfeita. E o pacto com raposas tornava-se um estigma para a família, pois:

Assim como um servo japonês, ela [a raposa] pertencia ao lar. Mas se uma filha desse lar se casasse, a raposa não apenas iria para a nova família, seguindo a noiva, mas também *colonizaria* com seu grupo todas as famílias relacionadas ao casamento ou relacionadas a família do noivo. Agora supõe-se que cada raposa tenha uma família de setenta e cinco – nem mais nem menos que setenta e cinco – e todas elas precisam ser alimentadas (HEARN, 1894, p. 326).

Um dos principais incômodos das famílias as quais eram atribuídos os pactos com raposas – geralmente descendentes da velha aristocracia samurai ou novos-ricos<sup>319</sup> – era a acusação de roubo, assim:

[...] todos os valiosos presentes que as raposas trariam a seus mestres seriam coisas roubadas de alguém. Por isso é extremamente imoral manter raposas. Isso é também perigoso para a paz pública, pois a raposa, sendo um duende, e isenta de sensibilidades humanas, não tomaria certas precauções. Ela poderia roubar a carteira do vizinho do lado durante a noite e coloca-la na soleira de seu mestre, e se ocorresse de vizinho lá vê-la primeiro, com certeza terminaria em confusão (HEARN, 1894, p. 327).

---

<sup>319</sup> Segundo Hearn (1894, p. 320-321), na Izumo de antes da Era Meiji, acreditava-se que todos os samurais pactuavam com raposas, e que os senhores de Matsue (a família Matsudaira) utilizaria raposas como mensageiras para enviar cartas ao *Shogun* em Edo (atual Tóquio). A crença dos pactos com raposas também era forte quando envolvia o estamento social dos *chonin* (os mercadores da Era Tokugawa) o financeiramente mais próspero dos grupos sociais (HEARN, 1894, p. 320). Quanto aos novos-ricos (*narikin*) podemos deduzir que eram alvos de tais suspeitas pelo mesmo motivo que os antigos *chonin*.

Outro tipo de roubo que os pactuantes com raposas eram acusados de cometer era o de água – recurso essencial para o cultivo do arroz –, pois quando uma plantação estava bem abastecida – e seu dono era tido como um pactuante –, enquanto outras das redondezas não estavam, havia acusações – e brigas em função dessas –, de que as raposas estariam roubando água magicamente (HEARN, 1894, p. 330).

Por outro lado, as famílias pactuantes também eram temidas, uma vez que se acreditava que as raposas de tais famílias poderiam agir em retaliação (por exemplo, por possessões) de seus desafetos; havendo inclusive um relato citado por Hearn (1894, p. 329), segundo o qual: “Na cidade de Yonago [...] há um certo próspero chonin o qual é quase a lei [local], e suas opiniões nunca enfrentam oposição. Ele é praticamente o mandatário do local e de maneira clara vem se tornando um homem muito rico. Tudo porque é dito que ele possui raposas”.

Em função do temor por essas famílias pactuantes, e o receio de se envolver com elas, seus membros acabavam sendo vítimas de discriminação, somando-se essas (sobretudo em Shimane) a outras formas correntes de *apartheid* social já presentes no Japão Meiji <sup>320</sup> (BATHGATE, 2004, p. 122-123). Uma das principais consequências de tal discriminação era a proibição de casamentos com membros das ditas famílias pactuantes, como Hearn (1894, p. 328-329) relata:

O casamento com um membro de uma família pactuante com raposas está fora de questão; e muitas garotas belas e talentosas de Izumo não podem assegurar um marido em função da crença popular de que suas famílias refugiam raposas. Via de regra as garotas de Izumo não gostam de se casar fora de sua própria província, mas as filhas de uma kitsune-mochi [família que pactua com raposas] devem também se casar com um membro de outra família kitsune-mochi, ou encontrar um marido longe da Província dos Deuses. Ricas famílias pactuantes não tem dificuldades em casar suas filhas sob os meios acima indicados; mas muitas pobres e doces garotas kitsune-mochi são condenadas pela superstição a permanecerem inespousadas. Isso não é porque não exista quem as ame ou deseje se casar com elas – [como] jovens homens que tenham passado pelas escolas públicas e que não acreditam em raposas. Isso é porque a superstição popular não pode ser seguramente desprezada nos distritos do interior exceto pelos ricos. As consequências desse desprezo teriam que ser suportadas não apenas pelo marido, mas por toda a família, e por todas as famílias relacionadas a essa.

Segundo Hearn entre o povo comum a modernidade ainda não havia então

---

<sup>320</sup> Como em relação aos *burakumin* (descendentes dos *eta* e *hinin*, os párias da velha sociedade Tokugawa), e aos novos-ricos, discriminados mesmo quando não eram relacionados a raposas, uma vez que a riqueza não herdada era vista com suspeita, normalmente sob a acusação de ter sido ganha “lesando ou explorando os outros” (Benedict, 2006, p. 84).

eliminado a crença nas raposas, tendo inclusive as histórias sobre raposas recebido incrementos peculiares com a industrialização – como uma história de raposas criando ilusões de trens fantasmas na estrada de ferro de Tokaido (Hearn, 1894, p. 323) – por outro lado a propagação educacional moderna já vinha eliminando tais crenças entre os instruídos, como por exemplo um certo senhor Wakuri, um próspero fazendeiro e um dos mais ricos homens de Shimane, o qual era acusado pelo povo de ser um pactuante, mas ele “podia se permitir rir de todas essas fábulas. Ele era um homem refinado, altamente respeitado nos círculos cultos nos quais a superstição nunca entra” (HEARN, 1894, p. 331).

Contudo, embora mesmo que a àquela altura a modernidade ainda não tivesse eliminado tais crenças do meio popular, Hearn (1894, p. 341-342) não acreditava que elas resistiriam por muito tempo, como relata em seu parágrafo de encerramento do texto:

Ano a ano mais santuários de Inari desmoronam, para nunca serem reconstruídos. Ano a ano os estatuários fazem menos imagens de raposas. Ano a ano [menos pessoas] caem vítimas de possessão por raposas [e] são levadas aos hospitais para serem tratadas de acordo com os melhores métodos científicos por médicos japoneses que falam alemão<sup>321</sup>. A causa disso não é encontrada na decadência das velhas fés: a superstição sobrevive à religião. Muito menos pode ser procurada nos esforços dos proselitizantes missionários do ocidente, – muitos dos quais professam uma sincera crença em demônios. Isso é puramente educacional. A onipresente inimiga da superstição é a escola pública, na qual o ensino da ciência moderna é removedora do sectarismo ou preconceito; onde os filhos dos mais pobres podem aprender a sabedoria do ocidente, onde não há um garoto ou garota de quatorze anos ignorante dos grandes nomes de Tyndall, de Darwin, de Huxley, de Herbert Spencer. As pequenas mãos que quebram o focinho do deus-raposa em levadas brincadeiras também podem escrever ensaios sobre a evolução das plantas e sobre a geologia de Izumo. Não há lugar para raposas fantasmagóricas no belo mundo natural revelado pelos novos estudos da nova geração. A mais poderosa exorcista e reformadora é a kodomo [criança].

No encerramento de seu ensaio Hearn dá a impressão de lamentar a progressiva queda das velhas superstições (a despeito de todos os problemas que essas causavam) em função da educação moderna, que no entanto o autor também não repudia, saudando seus “grandes nomes” e o “belo mundo natural” que essa desvenda. Essa posição dúbia é perfeitamente condizente com o posicionamento

---

<sup>321</sup> Os modernos estudos para tratar essa forma de possessão foram iniciados pelo médico alemão Dr. Erwin Balz (1849-1913), que foi médico da família imperial japonesa no período Meiji e conduzia pesquisas pioneiras sobre essa forma de “desordem nervosa ou ilusão” na Universidade Imperial de Tóquio (CHAMBERLAIN, 1902, p. 114).

geral de Hearn sobre a modernidade. Hearn era declaradamente um romântico (HEARN, 1910, p. 135), e saudosista do mundo pré-industrial, no qual ele não viveu, no entanto isso não fazia dele um reacionário em relação à modernização, ele valorizava o mundo moderno (lamentando inclusive o número escasso de estudantes que se dedicam às ciências aplicadas) (HEARN, 1910, p. 311), embora também lembrasse constantemente a qualquer um que entrasse em contato com ele, que este mundo também possui seus próprios terrores (HEARN, 1906, p. 62), não menos ameaçadores que os espíritos malignos das velhas superstições, principalmente porque os terrores do mundo moderno são indiscutivelmente reais. No entanto lamentava o mundo desencantado que parecia progressivamente ir se descortinando para o futuro, como podemos ver na seguinte passagem que o autor escreveu em uma de suas cartas de 1893:

Agora eu acredito em espíritos. Porque eu os vejo? De modo algum. Eu acredito em espíritos porque não creio em almas. Eu acredito em espíritos porque não há espíritos no mundo moderno. E a diferença entre um mundo cheio de espíritos e um outro tipo de mundo nos mostra o que os espíritos significam – e os deuses.

A horrível melancolia daquele livro de Pearson [*National Life and Character*] pode se resumir dessa forma, penso eu, – “O desejo se foi para sempre dessa vida.” Isso é horrivelmente verdadeiro. O que fazia a vida desejosa? Espíritos. Alguns eram chamados de deuses, outros de demônios, outros de anjos; – eles mudaram o mundo para o homem, eles o deram coragem e propósito e a reverência pela natureza, que lentamente se transformou em amor; – eles encheram todas as coisas do sentido e movimento da vida invisível, – eles criaram ambos, terror e beleza.

Não há espíritos, não há anjos e demônios e deuses: estão todos mortos. O mundo da eletricidade, vapor e matemática é oco, frio e vazio. Nenhum homem pode sequer escrever sobre ele. Quem poderia achar nele um grão de romance? (HEARN, 1910, p. 214-215)

E em meio a esse texto Hearn (1910, p. 215) acrescenta uma frase, que em conjunto com o restante do argumento nos mostra porque ele lamentava o fim de uma crença que ele considerava sinistra: “Os espíritos se foram, e os resultados de sua partida provam o quão reais eles eram. ”

## Bibliografia

BATHGATE, Michael. **The Fox's Craft in Japanese Religion and Folklore: Shapeshifters, Transformations and Duplicities**. Nova York: Routledge, 2004.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CHAMBERLAIN, Basil Hall. **Things Japanese**. Londres: Kelly & Walsh, 1902.

GOFF, Janet. Foxes in Japanese Culture: Beautiful or Beastly ?. **Japan Quarterly, Tóquio**, VOL 44, Nº 2, 1997, p. 66-71.

HEARN, Lafcadio. **Glimpses of Unfamiliar Japan**. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1894. v.1.

HEARN, Lafcadio. To Basil Hall Chamberlain: Matsue, October, 1890. In: BISLAND, Elizabeth. **Life and Letters of Lafcadio Hearn** . Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

HEARN, Lafcadio. To Ellwood Hendrick: Kumamoto, November, 1891. In: BISLAND, Elizabeth. **Life and Letters of Lafcadio Hearn**. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

HEARN, Lafcadio. July 14, 1893. In: BISLAND, Elizabeth. **The Japanese Letters of Lafcadio Hearn**. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1910.

HEARN, Lafcadio. Carta de Março ou Abril de 1894 para Basil Hall Chamberlain. In: BISLAND, Elizabeth. **The Japanese Letters of Lafcadio Hearn**. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1910.

HEARN, Lafcadio. December 14, 1893. In: BISLAND, Elizabeth. **The Japanese Letters of Lafcadio Hearn**. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1910.

HEARN, Lafcadio. May 16, 1894. In: BISLAND, Elizabeth. **The Japanese Letters of Lafcadio Hearn**. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1910.

HEARN, Lafcadio. **Kokoro**: Hints and Echoes of Japanese Inner Life. Londres: Gay and Hancock, 1910.

PICKEN, Stuart D. B. **Historical Dictionary of Shinto**. Lanham: The Scarecrow Press, 2011.

ROSENSTONE, Robert A. **Mirror in the Shrine**: American Encounters with Meiji Japan. Cambridge: Harvard University Press, 1988.